

GALP: Durão recebeu Carlucci em São Bento

SEMANAL Nº 586 • 27 MAIO A 2 JUNHO 2004

PORTUGAL €2,70

VISÃO



COLECCÃO DE DVDs da BBC

O assassinato de Kennedy e a demissão de Nixon

Peça na banca por mais €7,5

www.visaoonline.pt

COMBUSTÍVEIS

Vamos resistir à subida dos preços?

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



O pior está para vir

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

O severo Cunhal e o hábil Soares

• Segunda reportagem sobre os anos do PREC

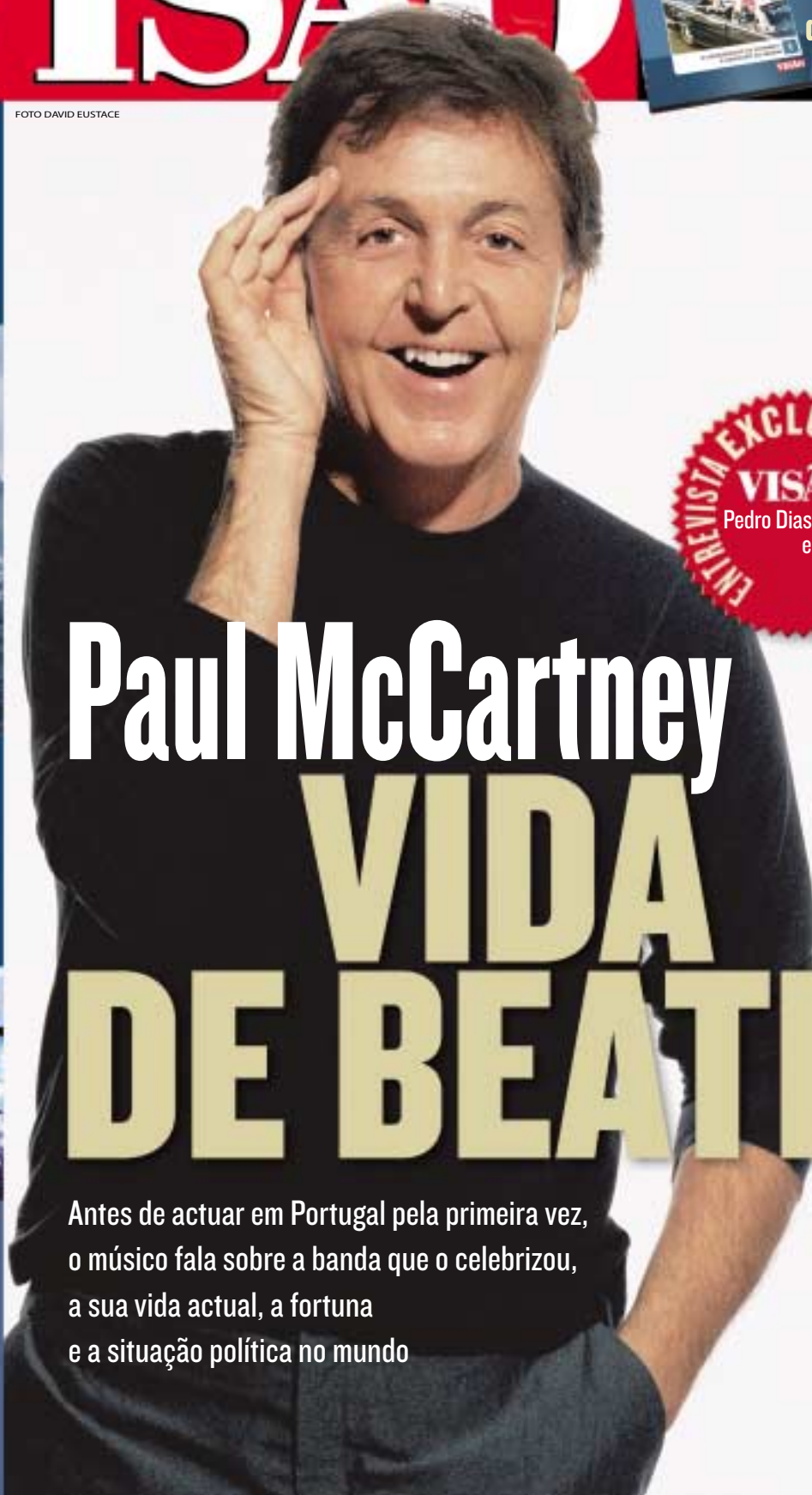
+32 PÁGINAS



GRÁTIS



FOTO DAVID EUSTACE



Paul McCartney VIDA DE BEATLE

Antes de actuar em Portugal pela primeira vez, o músico fala sobre a banda que o celebrizou, a sua vida actual, a fortuna e a situação política no mundo



Oferta de um lenço Rock in Rio

Esta é a segunda das três crónicas de Gabriel García Márquez sobre o processo revolucionário português escritas no calor dos acontecimentos, em 1975. Embora datados, comprometidos e utilizando chavões muito em moda na época, estes textos valem quer por se tratar de documentos históricos que reflectem o antagonismo PS-PCP da altura quer por serem da autoria de quem são. As fotos que os acompanham são de Sebastião Salgado



Mas que raio pensa o povo?

CRÓNICA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ • FOTOS DE SEBASTIÃO SALGADO

Em Portugal, muitos acreditam que o primeiro grande erro que a revolução cometeu foram as eleições de 25 de Abril. Foram realizadas contra a vontade do partido comunista (PCP), que só obteve 12 por cento dos votos e com o entusiasmo do partido socialista (PS), que conseguiu a maioria com 42 por cento. As análises mais sérias concordam, sem dúvida, que estes resultados não correspondem à realidade, porque numa situação

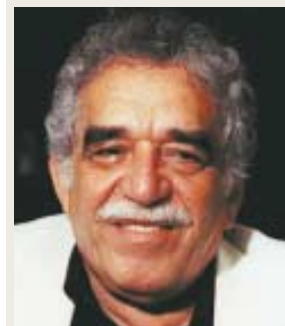
como a actual em Portugal não é possível aferir a realidade política pela quantidade de votos. «O PS obteve mais votos, mas o PCP tem uma maior força política devido à sua real implantação nas bases», disse-me um professor universitário. «Além disso, a direita destronada, mais hábil e inteligente, orientou os seus votos para o socialismo, ou seja, escondeu-se dentro da legalidade eleitoral para pôr um travão na revolução.» Tudo isto sem contar com

o receio que o partido comunista desperta em vastos sectores da classe média.

Em todo o caso, muitos dos conflitos com que o processo português hoje se confronta tiveram origem nessas inoportunas eleições. Elas agudizaram a luta entre o PCP e o PS, e deram bons argumentos à reacção para uma enorme campanha de descrédito no estrangeiro colocando o governo português numa situação pouco desejável. «Caímos numa



REFORMA AGRÁRIA Em 1975, os amanhã cantavam para os camponeses assalariados alentejanos. Mas no PREC nem tudo foram rosas



GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Colombiano, um dos mais famosos escritores de sempre, Prémio Nobel da Literatura de 1982, o autor de *Cem Anos de Solidão* contactou de perto com a experiência revolucionária portuguesa em 1974-1975

© SEBASTIÃO SALGADO

armadilha tola», disse-me um membro do Conselho de Revolução. «As eleições foram prometidas na euforia do primeiro momento, sem um conhecimento real das condições do país, e não as realizar poderia ter comprometido a credibilidade do MFA.» Respondi-lhe que a revolução cubana, apesar das pressões vindas de todos os lados, não se deixou cair nessa armadilha. A resposta foi imediata: em Cuba, depois de tantos anos de corrupção eleitoral, as eleições não tinham prestígio, enquanto em Portugal eram consideradas como uma importante reivindicação popular depois de quase meio século de ditadura. Mas o que se fez, na realidade, foi dar à reacção a oportunidade que

ela própria não tinha dado a ninguém enquanto esteve no poder.

A disputa entre o PCP e o PS, origem de tantos males na história deste século, não terá solução em Portugal. Ambos se acusam reciprocamente de uma sujeição internacional que até certo ponto é verdadeira e que além disso inquieta o MFA. No entanto, Mário Soares, o inteligente e hábil secretário-geral do PS, nega que o seu partido tenha compromissos de base

PCP e PS acusam-se reciprocamente de uma sujeição internacional que até certo ponto é verdadeira

com a social-democracia europeia. Num almoço de quase três horas que tive com ele frente ao esplêndido mar do Estoril, com a sua perspicaz e apaixonada filha e com outros amigos, tive oportunidade de apreciar até que ponto está obcecado com a luta contra os comunistas. Pareceu-me amável e culto, com um estilo de político europeu tradicional, mas estava num momento de tensão que poderia ser confundido com uma absoluta falta de sentido de humor. Foi franco e determinado: a mais grave ameaça à revolução portuguesa não é o imperialismo nem a reacção interna, mas sim o estalinismo. Pensa que o país não poderá sobreviver sem ajuda estrangeira, e que essa ajuda não será possível com a posição irrealista do comunismo. A sua única fórmula é aquilo a que chama «socialismo em liberdade», sem distinguir se essa liberdade formal, numa revolução incipiente e débil, pode ser mais favorável à reacção do que às forças da mudança, como aconteceu no Chile. Pareceu-me que estava na defensiva e que embora estivesse disposto a resistir até ao fim não tinha grande confiança no futuro.

Os comunistas, pelo contrário, parecem seguros e demolidores. No seu quartel-general, um edifício velho e austero onde todos os gabinetes estão fechados à chave, sente-se a presença de um ▶

▶ MAS QUE RAILO PENSA O POVO?

poder invisível e petrificante. Segundo os comunistas, as divergências essenciais com Mário Soares consistem, em primeiro lugar, no facto de ele dizer repudiar o sistema capitalista mas não ter querido pronunciar-se contra os monopólios e, em segundo lugar, preconizar o

contra eles, sobretudo, toda a social-democracia europeia, o governo dos Estados Unidos e a própria imagem irascível do seu secretário-geral, Álvaro Cunhal, um comunista duro de roer, forjado no inferno da prisão e da clandestinidade, um homem misterioso e quase mítico, cuja presença de animal predador contrasta de um modo estranho com a sua

cura de uma aliança de forças progressistas e liberais com algo mais que a bênção da social-democracia europeia. Mas têm também razão os portugueses quando alegam que a sua prioridade é Portugal. Esta contradição é natural entre países vizinhos com diferentes graus de desenvolvimento económico e político, e nada teria de alarmante se não fosse tornar-se um alvo fácil para a reacção. Cuba defrontou-se com conflitos idênticos e conseguiu ultrapassá-los.

Há outros dez partidos políticos em Portugal, mas o mal de todos eles, mesmo dos maiores, é que nenhum se pode considerar ainda como um verdadeiro partido de massas. O partido socialista tem uma ínfima parte do proletariado industrial, vastos sectores da classe média e uma boa parte da mão-de-obra emigrada. O partido comunista, implantado nas piores condições da clandestinidade, com um comité central entre cujos membros se somam 300 anos de prisão, tem a maioria do proletariado industrial, grande parte da população estudantil, uma evidente simpatia no seio das Forças Armadas e o controlo da imprensa. Mas o proletariado industrial

representa uma proporção muito baixa da população activa do país. A maior força da revolução parece provir das vastas massas camponesas, arcaicas e miseráveis, dominadas no Norte de minifúndio pelo cacique ignorante e pelo clero medieval e, no Sul de latifúndio, dominadas pelos senhores feudais aliados ao poder financeiro. Em ambos os extremos, os camponeses têm um sentido profundo da propriedade privada, muito difícil de erradicar.

representa uma proporção muito baixa da população activa do país. A maior força da revolução parece provir das vastas massas camponesas, arcaicas e miseráveis, dominadas no Norte de minifúndio pelo cacique ignorante e pelo clero medieval e, no Sul de latifúndio, dominadas pelos senhores feudais aliados ao poder financeiro. Em ambos os extremos, os camponeses têm um sentido profundo da propriedade privada, muito difícil de erradicar.

A revolução surge sozinha nos campos

Contudo, não há dúvida de que é no campo que a situação revolucionária floresce com maior rapidez. Só que este fenómeno é mais difícil de seguir, uma vez que a informação da imprensa é deficiente, a própria informação oficial está atrasada relativamente à realidade e existe toda uma variedade de diferentes situações devido à sua espontaneida- ▶



© SEBASTIÃO SALGADO

ESTÉTICA COMUNISTA Engels e Marx numa parede caiada alentejana, ou o insólito ao virar da esquina

pluralismo sindical contra a unidade das bases, que os comunistas patrocinam. Além disso, atribuem-lhe jogo duplo, pedindo o poder popular internamente, enquanto no estrangeiro pede uma espécie de Plano Marshall para Portugal, devido aos seus compromissos com a social-democracia europeia.

Até quando durarão as guerras de família?

Os comunistas também têm problemas sérios. Têm contra eles o medo que só o seu nome desperta em amplos sectores da população, envenenados por tão longos anos de regime fascista e de controlo da igreja. Têm ainda contra eles o temor de que a União Soviética venha a instaurar um regime estranho ao carácter do povo português. Além disso, têm ainda contra eles outro litígio muito grave com os partidos comunistas de Espanha e Itália. Mas têm

simpatia natural. O seu ar severo presta-se a fáceis interpretações da reacção.

O mais grave no conflito com os comunistas italianos e espanhóis é que tanto estes como os portugueses têm razão, tendo em conta as diferentes condições de cada país. Têm razão os italianos – que estão a procurar uma aliança com a democracia cristã em Itália – censurando os portugueses por terem patrocinado a dissolução da democracia cristã portuguesa, que na realidade era um remanescente fascista. Têm razão os espanhóis quando se sentem afectados pela disputa com Mário Soares, porque os espanhóis na clandestinidade estão a pro-

Os comunistas têm contra eles o temor de que a URSS venha a instaurar um regime estranho ao povo português

► MAS QUE RAIO PENSA O POVO?

de. Na realidade, as ocupações de terra, sobretudo nos latifúndios do Sul, começaram logo no dia seguinte à queda da ditadura, a maioria delas de forma espontânea, mas com sentido de propriedade privada por parte dos camponeses.

Actualmente há que distinguir três planos de acção, todos eles fomentados ou simplesmente tolerados pelo governo: uma acção oficial, uma acção sindical e uma acção espontânea.

A nível oficial criou-se o Instituto de Reorganização Agrária, que é um organismo estatal de intervenção directa para condicionar o processo espontâneo. Este organismo fomenta a criação de cooperativas de 20 a 25 trabalhadores, em determinadas áreas de antigos latifúndios, fornece assistência técnica e concede uma certa ajuda material.

A nível sindical a actividade consiste em mentalizar os trabalhadores para se integrarem em associações de classe. A principal actividade dos sindicatos de trabalhadores agrícolas consiste em lutar contra o desemprego, procurando obrigar os proprietários a voltar a cultivar as terras ao abandono. Neste sector, a reacção tratou de se infiltrar mediante a criação de sindicatos ou cooperativas fantasmas, ou pagando salários superiores aos que o sindicato estabelece dentro das possibilidades da realidade económica. Como resultado imediato da acção sindical, a área cultivada no Sul do País aumentou consideravelmente nos últimos meses. Mas esta acção carece de recursos técnicos.

É no plano da acção espontânea que o processo adquire maior força revolucionária, criando situações irreversíveis, tanto nos resultados como na mentalização dos trabalhadores rurais. Em muitas zonas do Sul organizaram-se grupos de trabalhadores para explorar antigos latifúndios ao abandono.

Numa cooperativa típica, constituída pela acção espontânea dos trabalhadores rurais, estes não recebem salários nem têm horários de trabalho, e o dinheiro comum é repartido semanalmente segundo as necessidades mais prementes de cada um. No entanto, não existem planos definidos de exploração, e os trabalhadores vêm-se forçados a lutar um pouco às cegas contra as formas viciadas de exploração e a defenderem-se de toda a espécie de tentativas de sabotagem realizadas pela reacção. Dado que a

ajuda oficial é ainda muito escassa (ainda a assistência técnica do IRA), o clima emocional dos trabalhadores tem algo de aventura. «Conhecemos os riscos que corremos – disse um deles – mas estamos dispostos a defender as nossas posições, mesmo com armas se for preciso.»

O que não se dinamiza, perde-se

Os camponeses terão as armas quando souberem contra quem têm de as usar. É uma promessa formal do MFA, e com essa finalidade foi criada a instituição mais original, interessante e eficaz da re-

cialismo. No Norte, onde os partidos não conseguiram romper as resistências dos camponeses mais reaccionários, as campanhas de dinamização estão a criar, mediante o ensino, a persuasão e o bom exemplo, os embriões de uma estrutura de base capaz de enfrentar com êxito os caciques e os padres retrógrados. Por sua vez, os membros das brigadas estão a integrar-se com as massas populares, num processo que, a meu ver, é a ponta-de-lança da revolução.

O homem que concebeu a ideia, a sistematizou e está a levá-la por diante com

base numa experiência semelhante em Cuba é o comandante da Marinha Ramiro Correia, um médico de 32 anos, inteligente e culto, membro do Conselho da Revolução e um dos cérebros políticos do MFA, que não surpreende tanto pela sua juventude como pela sua sensibilidade e cordialidade. Nos gabinetes do pavoroso edifício de ficção científica que pertenceu a uma milionária excêntrica e que foi expropriado pela revolução, Ramiro Correia explicou-me o alcance insuspeitável da sua invenção. «Acreditamos – disse-me – que a Dinamização Cultural é o caminho para encontrar o novo modo de ser socialista de que Portugal precisa.» Ramiro Correia pensa que é através dessa instituição que a revolução portuguesa está a adquirir a sua verdadeira dinâmica e que os progressos são seguros e irreversíveis.



DE 'SCOOTER' PARA O COMÍCIO Em 1975 não havia tempo a perder

volução portuguesa: as campanhas de dinamização cultural. São simplesmente brigadas de politização do MFA, que se misturam de igual para igual com os camponeses para os ajudar a superar os velhos preconceitos e explicar-lhes o sentido da revolução e a necessidade do so-

O diabo soprou-me ao ouvido uma pergunta sem resposta: que raio pensará o povo de tudo isto?

«Se os partidos que nos acompanham no processo não se dinamizarem pelo seu lado, serão ultrapassados», disse. Porque a revolução portuguesa, ameaçada por todos os lados, está comprometida numa corrida contra-relógio. Tanto que ao despedir-me de Ramiro Correia lhe disse: «Volto em Janeiro de 76.» Ele respondeu-me morto de riso: «Será muito tarde, porque nessa altura já nós estaremos como em Dezembro de 78.» Saí encantado. Mas no elevador, o diabo soprou-me ao ouvido uma pergunta sem resposta: Mas que raio pensará o povo de tudo isto? ■